

The background image is a dark, atmospheric photograph of the interior of a large Gothic cathedral. The perspective is looking down the central aisle, towards the altar. The architecture features high, ribbed vaulted ceilings and tall, slender columns. Stained glass windows are visible on the right side, allowing some light to filter through. The overall tone is somber and majestic.

Eclesiologia: O Estudo Teológico da Igreja

Uma introdução à natureza, missão e propósito da Igreja — o povo de Deus em movimento pelo mundo, chamado a discipular as nações e viver sob o reinado de Cristo.

CURSO DE TEOLOGIA

JÔNATAS SILVA DA CRUZ

Introdução à Ecclesiologia

A ecclesiologia é o estudo teológico referente à igreja — sua natureza, propósito e relacionamento com o reinado de Deus. Este estudo oferece um levantamento inicial dos principais temas, reconhecendo que cada subponto merece análise mais aprofundada. O apoio de leituras paralelas e o diálogo com práticas normativas são indispensáveis para uma compreensão ecclesiástica em conformidade com os parâmetros bíblicos.

Para todo esforço teológico, é essencial que cada indivíduo aplique a teologia à sua realidade específica. Não basta ter as respostas de outras épocas — importa saber aplicar o conhecimento teológico para dar resposta apropriada aos assuntos do dia a dia. No campo da ecclesiologia, essa ênfase na aplicação é ainda maior do que em outras áreas, pois trata-se de formas estruturais que variam muito ao longo dos séculos e contextos históricos.

Em cada etapa da história da igreja, surgem necessidades de modificações organizacionais específicas para que ela cumpra seu propósito. O livro de Rick Warren, *Igreja com Propósitos*, reflete bem essa noção de fixar a atenção da igreja local no papel que ela tem a cumprir. Assim, o alvo deste estudo é descobrir a definição bíblica referente à natureza e missão da igreja, para que se possam estudar com mais atenção as formas e os métodos a serem empregados no cumprimento da tarefa.

Natureza da Igreja

O que a igreja é em sua essência bíblica e teológica.

Missão da Igreja

O propósito para o qual a igreja existe no mundo.

Formas e Métodos

Estruturas que facilitam o cumprimento da missão designada.

Problemas em Tratar Eclesiologia

Antes de iniciar o estudo específico da eclesiologia, é necessário tratar a problemática associada à disciplina. Toda teologia é elaborada sobre alguma base pré-estabelecida, e clarificar essa base permite avaliar melhor as conclusões formuladas ao longo do estudo.

Definição do Termo

Do grego, o termo "igreja" pode designar uma congregação local, uma denominação, uma causa, a igreja universal ou até um prédio. Como definição prática, usaremos: *"um agrupamento de crentes que vivenciam um relacionamento de dependência (fé) em Jesus Cristo, unindo-se para cumprirem a missão entregue por Deus".*

Institucionalismo

Na Bíblia, a igreja não é uma instituição, mas um organismo vivo em transformação. Conforme Romanos 9.25 e 1 Pedro 2.9-10, a igreja é o povo de Deus em desenvolvimento. É necessário tratar dois aspectos: o organismo e a estrutura organizacional que se desenvolve naturalmente.

Origem Bíblica do Termo

O conceito básico do hebraico *qahal* e do grego *ekklesia* é de uma assembleia ou comunidade convocada. No Novo Testamento, a igreja em sentido universal é frequentemente tratada com termos como "santos", "eleitos", "noiva" ou "povo de Deus", exigindo cuidado ao sistematizar o ensino bíblico a partir do termo "igreja".

Linguagem Figurada

A Bíblia usa figuras para transmitir conceitos espirituais — como "reino", "portões do inferno" e "noiva de Cristo". Essas figuras ilustram conceitos sem exigir interpretação rígida e literal. Em qualquer estudo teológico, deve-se respeitar as formas de expressão figurada, não forçando cada palavra a exprimir somente um sentido descritivo literal.

Formas e Propósitos

Ao encontrar formas organizacionais bíblicas que divergem da prática atual, deve-se avaliar o propósito da forma. Uma estrutura pode estar cumprindo seu propósito com outra metodologia, sem incompatibilidade bíblica. O critério central é sempre: a estrutura está cumprindo com a missão da igreja?

O Reinado de Deus

CONCEITO CENTRAL

O conceito do "Reino de Deus" é talvez o mais importante a ser estudado na eclesiologia. A igreja autêntica existe como a concretização do reinar de Deus e não pode existir desvinculada deste reino. **"No Novo Testamento, o reino de Deus é principalmente o seu reinar nas vidas daqueles que se submetem à sua autoridade."** Assim, o termo "reino de Deus" pode ser definido como o Seu "governo em ação", ou o "reinar de Deus".

Segundo as declarações de Jesus, o Seu reinar já é *"uma realidade na história humana"*. Quando as multidões queriam fazer de Jesus o seu rei político, Ele recusou. Perante Pilatos, negou que seu reino fosse como os reinos deste mundo. João Batista chamou o povo a se tornarem filhos de Abraão pela fé, mas Jesus foi além, rejeitando a identificação do Messias com um rei político e enfatizando a transformação interior do indivíduo e a aceitabilidade dos rejeitados pela sociedade.

A igreja é, por consequência, o agrupamento dos membros ou cidadãos do reino. **A igreja não é o reino, mas é criatura ou veículo para a extensão do reino de Deus.** O reinar de Deus na vida humana cria a comunidade pertencente ao reino, o qual chamamos de igreja. *"A relação entre a igreja e Cristo é de fato muito íntima; trata-se de uma espécie de união orgânica, pela qual nos unimos a ele em nossa vida e nosso ser."*

Já Inaugurado

O reinar de Deus foi inaugurado no evento de Pentecostes — a festa dos primeiros frutos. Lucas emprega o termo *ekklesia* em Atos, não no evangelho, marcando ali o início visível do reino.

Ainda por Completar

Permanece a expectativa de um complemento à realidade do reino já experimentada. *"O presente é moldado não apenas pelo passado, mas também pelo futuro de Deus."*

O Caráter Interior do Reinado

Jesus pregava muito referente ao reinar de Deus — temática especial dos evangelhos sinópticos, principalmente em Mateus, onde se encontra a terceira parte das referências neotestamentárias ao Reinado de Deus. **"O reino estava vindo, e o único aspecto especialmente ressaltado foi o arrependimento... Em comparação com o reino [de Deus], nada realmente tem valor."**

A ênfase de Jesus visava clarificar e responder a dois erros essenciais: a preocupação judicial com o mundo por vir desvinculada da interiorização dos princípios do reinar de Deus, e a expectativa messiânica politizada dos judeus da época. O elemento essencial desta vida é a declarada dependência de Deus para suprir todas as necessidades daquele que se entrega ao serviço do reino. O judeu que procurava a politização do reinar de Deus não encontrava consolo nas palavras de Jesus, pois as características do viver sob o reinar de Deus eram contrárias às expectativas de libertação política.



Entrega Relacional

O reinar de Deus depende de uma entrega relacional a Deus como Pai amoroso — obediência e disposição de desprender-se do ego, colocando os demais em primeiro lugar.



Serviço ao Próximo

O discípulo fiel pode servir e doar-se ao próximo, pois sua vida pertence a Deus. Pode perdoar ofensas, caminhar mais uma milha, oferecer a outra face — pois nada lhe pertence.



Cidadania Celestial

Como o reinar de Cristo não pertence a este mundo, o cidadão do reino aceita pertencer a outro padrão de vida e valores. O reinar de Deus já foi inaugurado — é hora de optar pela cidadania celestial.

"A confissão cristã não é apenas de que Cristo virá ao final da história, mas que Cristo já veio; não apenas que a salvação espera o crente no futuro escatológico, mas que a salvação já é experimentada, numa forma antecipatória, porém real, no aqui e no presente."

A Missão da Igreja

CONCEITO ESSENCIAL

Se o reinar de Deus é importante para o estudo da eclesiologia, a "missão" é essencial para a aplicação do reino. O reinar de Deus implica em deixar que Deus cumpra a Sua missão entre aqueles que pertencem ao reino. **Não é a igreja que tem uma missão, mas é o inverso: a missão de Cristo criou a igreja.** Mais do que deixar uma igreja, Jesus deixou uma tarefa a ser cumprida por seus discípulos. Sem missão, a igreja não existe.

Deve-se fazer distinção entre os termos "missão" e "missões". Por "missão", trata-se da *raison d'être* da igreja — seu propósito no mundo. "Missões" tem a ver com os meios usados para levar adiante a missão externa da igreja entre todos os povos. A missão da igreja é mais global, incluindo a obra missionária como um aspecto do propósito eclesiástico, bem como o amadurecimento e discipulado do indivíduo e da igreja local como um corpo.

1

Martyria

Testemunho — a missão central da igreja em todas as situações, referente à pessoa e obra de Cristo.

2

Diakonia

Serviço — a aplicação prática da mensagem de Cristo no âmbito completo do Seu ministério.

3

Koinonia

Comunhão — o contexto comunitário no qual o reinar de Deus existe e se manifesta no mundo.

As palavras de Jesus registradas em Mateus 28 e Atos 1 requerem que a igreja cumpra com a tarefa de discipular. Esta é a missão: ser testemunha de Cristo, discipulando todas as nações. O testemunho e discipulado especificados abrangem todo o ensino de Jesus em toda expansão étnica e geográfica. A missão da igreja deve reger todo o esforço, direcionando toda atividade e estrutura para que ajude a cumprir com o propósito da igreja.

Natureza da Igreja

"Onde, então, está a 'verdadeira' igreja entre a diversidade de tantas igrejas? A igreja é uma, pois Cristo é um. Aqueles que são unidos a Cristo são unidos à Sua igreja e um ao outro. A igreja é diversa porque nenhuma comunidade de fé pode cumprir todo o evangelho tudo de uma só vez."

A igreja é um organismo vivo — a acoplação dos santos, o povo de Deus na face da terra. Ela é muito mais do que uma congregação local e muito mais do que uma estrutura e instituição. A Bíblia não estabelece um sistema organizacional para a igreja, nem contraria a sua elaboração. O que ela oferece é uma missão a ser cumprida. Toda estrutura e organização elaborada pode ser benéfica, mas deve sempre estar associada ao propósito da igreja.

A união da igreja deve ser vista no contexto do **sacerdócio de todos os crentes**. Como Lutero afirmava, não cabe distinção entre clero e leigo. Todo membro da igreja tem responsabilidade sacerdotal em relação aos demais — interceder pelo outro, ensinar ao outro, corrigir quando necessário. A missão da igreja é de todos. A consagração de pastores deveria ser principalmente um ato de confirmação de confiança na vocação do ministro, não um exercício com exclusividade de práticas ministeriais. Interessante é notar que no Novo Testamento são diáconos e missionários que são "comissionados" ou "ordenados", não sacerdotes ou pastores.



Povo de Deus

Focaliza o relacionamento de dependência de Deus dentro dos limites da aliança. Inclui as figuras de sacerdócio real, nação santa e povo eleito.



Corpo de Cristo

Reflete a igreja como a presença visível e ativa de Deus na terra, estendendo o ministério de Cristo ao mundo.



Noiva de Cristo

Aponta para o ideal de pureza relacional e fidelidade perante Deus — a igreja sendo preparada para Cristo (2 Coríntios 11.2).

Êxodo 19 e 1 Pedro 2: O Povo de Deus

Em Êxodo 19, encontram-se as orientações gerais de Deus antes de estabelecer a aliança com o povo no Monte Sinai. A convocação é de ser uma nação intermediária entre Deus e os povos ao redor — a mesma missão dada por Jesus ao povo da nova aliança. Há, portanto, uma continuidade entre a missão no Antigo Testamento e no Novo Testamento.

Êxodo 19 — A Primeira Convocação

O povo foi resgatado da escravidão no Egito não apenas para ser livre, mas para uma nova vida. Foi salvo para ser possessão especial de Deus, para servir como **reino de sacerdotes** — mediadores entre Deus e as demais nações — e para ser **nação santa**, distinta de todos os demais, espelhando a grandeza de Deus perante todas as nações. Vale ressaltar que o povo havia sido libertado, mas ainda era um bando de escravos fugidos. Deus ainda estava formando deles uma nação.

1 Pedro 2.9-10 — O Novo Povo

O assunto da formação do povo é retomado agora em termos de que Deus está formando um novo povo para si dentre todas as nações do mundo. Como aquele bando de escravos no Egito não era ainda um povo, também os cristãos do primeiro século ainda não o eram, mas haviam sido chamados a ser. Em conjunto com a nova identificação de povo de Deus, aos cristãos estava sendo dada a mesma comissão dada no Monte Sinai: **mediar a presença de Deus perante todos os povos da terra**.

Mateus 28: Discipulai as Nações

Mateus 28.19 utiliza o verbo *discipular* (maqhteuw) no imperativo plural, equivalendo a um imperativo para o grupo inteiro de discípulos como um todo. O imperativo aqui não é de evangelizar no sentido costumeiro, mas **discipular a todas as nações**. Como parte dessa tarefa, vem incluída a questão de batizar (ritual de ingresso a uma nova confissão e vida religiosa) e de ensinar (incluindo a aplicação quotidiana de todo o ensino de Jesus à vida do indivíduo).

É bom lembrar que o mandamento de Jesus não é apenas uma tarefa missionária para alcançar povos distantes, nem uma tarefa designada ao clero. É a tarefa que Jesus deixou a todos os seus discípulos — não apenas aos onze, mas a todos. Havia muitos além dos onze reunidos naquele monte, ouvindo as palavras de Jesus. Todos foram incumbidos com uma tarefa imensa: fazer discípulos de todas as nações.

- ❑ **"Disciplai as nações"** é muito mais do que continuarmos no mesmo trajeto que estamos seguindo. Envolve uma transformação de vida para que nos voltemos àqueles que andam necessitados de um relacionamento de discípulo com Cristo. Dez milhões de gaúchos sem Cristo andam à nossa volta e a vasta maioria nunca entraria pelo portão de um dos nossos templos. Teremos que entregar toda estrutura para que sua conformidade com a missão a cumprir seja analisada.



Ir

Sair ao encontro das nações

Batizar

Ritual de ingresso e conversão

Ensinar

Discipulado contínuo nos ensinamentos

Acrescentar membros a nossas igrejas é um objetivo positivo, mas não chega perto do alvo. Será necessário modificar algumas estruturas e tradições para nos adequarmos ao desafio à nossa frente. O mandamento de discipular as nações requer que toda estrutura eclesial seja avaliada à luz deste propósito central.

Estrutura e Governo da Igreja

"A Igreja de Cristo não faz leis nem mandamentos à parte da Palavra de Deus; portanto, todas as tradições humanas não nos podem sujeitar, a não ser que estejam embasadas ou prescritas na Palavra de Deus." Assim como os reformadores reivindicavam, a igreja deve refletir o mais estritamente possível a perspectiva bíblica de sua natureza e propósito. Toda atividade, estrutura e organização deve partir de uma base bíblica sólida.

A Bíblia não fornece norma para o governo e sistema de liderança da igreja. O que ela apresenta são várias formas organizacionais em uso no decorrer do desenvolvimento da igreja durante o primeiro século. A igreja passou por liderança direta dos apóstolos; com a necessidade, acrescentou diáconos à liderança administrativa e encontrou necessidades de concílios de anciãos e bispos na supervisão da igreja local. Nenhuma dessas formas foi colocada como sendo a forma definitiva — cada qual respondeu à necessidade de um certo grupo de crentes.

Sistema Congregacional

Autoridade centrada na congregação local como um todo.

Sistema Episcopal

Autoridade centrada nos bispos como supervisores da igreja.

Sistema Presbiteriano

Autoridade centrada em um conselho de presbíteros ou anciãos.

As formas de organizar e estruturar a igreja não são tão importantes quanto a questão de suas utilidades para cumprir a missão. Quando a estrutura cria condições para fomentar a ativação da missão da igreja, ela é benéfica. Quando uma estrutura estorva o cumprimento da missão, ela deve ser modificada. Estrutura aqui é muito mais do que formas de governo — aplica-se igualmente aos programas da igreja e a todas as suas atividades.

Liderança na Igreja

O exemplo supremo de liderança em Jesus Cristo ressalta em particular o caráter do indivíduo, expresso em **servir aos demais em detrimento pessoal**. Olhando para o contexto do Novo Testamento, enxergam-se detalhes importantes para situar e compreender o ensino bíblico sobre liderança.



Ministério Compartilhado

Paulo reúne um corpo de líderes para atuar em conjunto consigo. Seu ministério é levado adiante em grupo, não a sós. Em geral, as igrejas no Novo Testamento têm mais do que uma só pessoa exercendo funções de liderança formal.



Ministério Feminino

O testemunho bíblico dá espaço para o exercício do ministério feminino. Febe é considerada diácono da igreja e recomendada por Paulo. Atos 21.8 menciona quatro filhas de Filipe com o dom da profecia. Jesus e Paulo elevaram em muito o status conferido à mulher. *"Não há macho nem fêmea; pois todos somos um em Cristo Jesus."*



Caráter Acima de Tudo

O exemplo de Paulo abnegar seus direitos de cidadão romano em Filipos, mesmo quando esses direitos o teriam protegido dos açoites, deve ser levado em consideração na qualificação do caráter do líder. Conotações de moral e ética devem ser lidas no contexto de Mateus 18 e João 21.



Funções e Termos

Na Bíblia, "pastor" designa a função educadora; "bispo" refere-se a funções supervisionais; "diácono" refere-se a funções administrativas; e "profeta" refere-se ao ministério da pregação da Palavra de Deus. Os diáconos foram escolhidos para tarefas administrativas expressamente para que os apóstolos se dedicassem ao estudo e ensino da Palavra.

Efésios 4.11-16: Dons para a Missão

Nesta passagem, encontra-se uma descrição breve da provisão de Deus para que a igreja cumpra com o seu mandato e a sua missão. Foram dados à igreja vários cargos para ajudá-la em seu crescimento, possibilitando-a a cumprir com a sua tarefa.

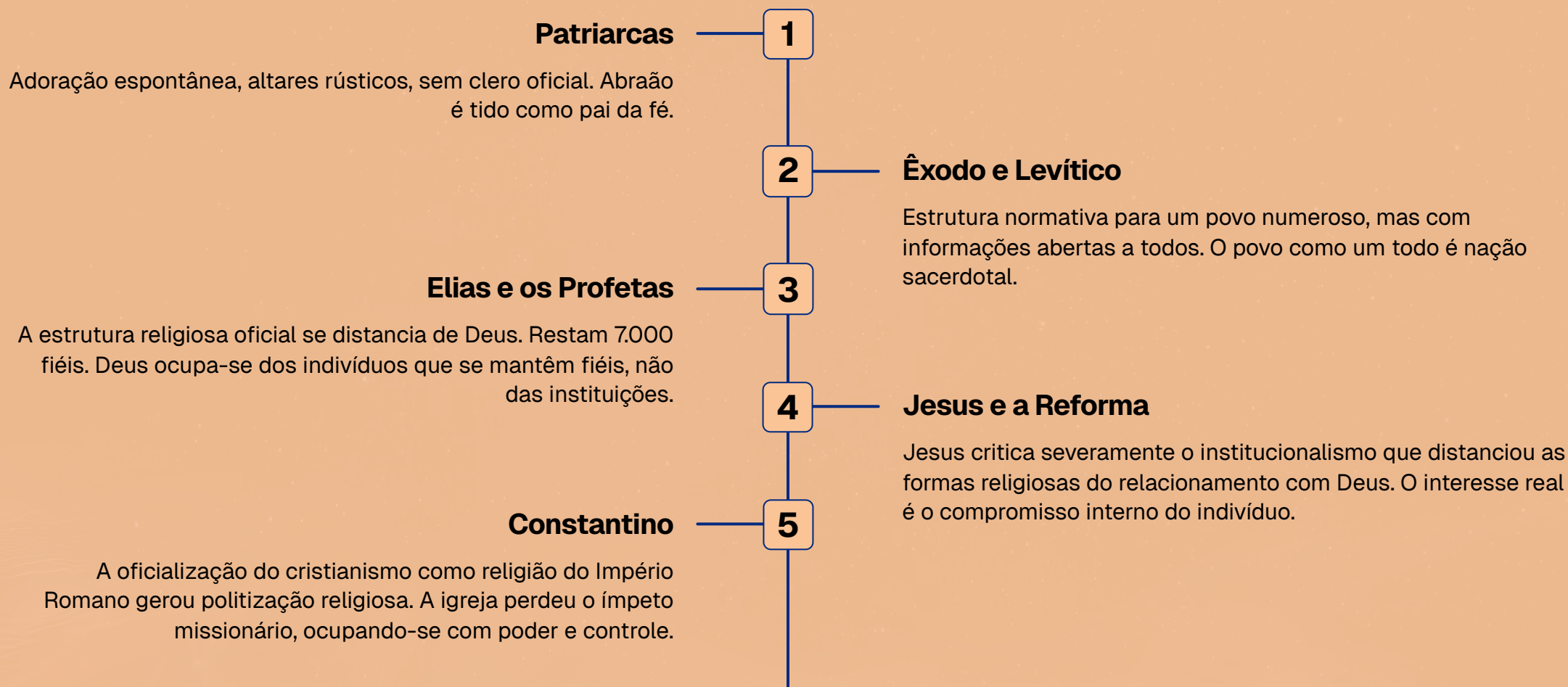
"E ele deu por um lado os apóstolos, por outro os profetas, por outro os evangelistas, por outro os pastores e professores, para a equiparação dos santos no labor de ministério, na construção do corpo de Cristo, até chegarmos nós todos na unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, no varão perfeito, na medida da maturidade do enchimento de Cristo." — Efésios 4.11-13

Conforme Romanos 12 e 1 Coríntios 12, tanto os cargos quanto os dons espirituais têm função interna na igreja. Os encargos e os dons especificados são para a preparação da igreja para que ela cumpra a sua missão. Os apóstolos, evangelistas, profetas e pastores-mestres têm um papel específico de preparar o corpo inteiro para desempenhar a sua tarefa missionária.

A tarefa principal da igreja permanece **"lá fora"**. O conceito da prática eclesial comum, porém, está voltado completamente para dentro. O conceito bíblico não poderia ser mais diferente: em Atos 4.29-33, os discípulos se reuniram para se prontificarem a dar o seu testemunho perante todo o povo. A igreja se reúne para se prontificar a levar a mensagem de Cristo para o mundo ao seu redor. O cantar, o celebrar a grandeza de Deus, o estudar e ouvir a Palavra pregada — tudo deve levar o indivíduo a estar mais apto para colocar o evangelho em prática e transmitir a mensagem aos demais.

Institucionalismo Eclesiástico

A igreja de Cristo é mais organismo do que organização. Infelizmente, a prática eclesiástica muitas vezes contraria esse conceito essencial. Desde os patriarcas em Gênesis, que adoravam a Deus de forma isenta de institucionalismo — construindo altares rústicos de forma aparentemente espontânea, sem clero oficial —, até o período do Êxodo, onde o Levítico coloca todas as regras de forma aberta perante o povo (pois qualquer um poderia cumprir os rituais), a Bíblia mostra que o povo como um todo é nação sacerdotal.



O grande perigo das instituições é perder de foco a missão e prestigiar a própria estrutura mais do que a dependência de Deus. Estruturas e programas não são o evangelho. O reinar de Deus é no interior do indivíduo. Quando se confunde a expressão externa com a realidade interna, a vida sob o reinar de Deus é transformada em ativismo e manutenção de estruturas religiosas da criação do ser humano.

Ordenanças da Igreja: O Batismo

SACRAMENTO VS. ORDENANÇA

Ao tratar de ordenanças e sacramentos, é necessário fazer distinção entre os dois termos. Por **sacramento**, entende-se um ritual que transmite a graça salvífica de Deus — a graça quase como uma substância a ser medida. Por **ordenança**, comunica-se de forma contrária que a graça não é substância, mas uma disposição relacional divina. Como Barth usa o termo: *"Graça é o relacionamento de Deus com o homem que não admite concessão."* A ordenança, portanto, não é salvífica, enquanto o sacramento é considerado como ritual que confere a salvação.

A passagem central para tratar da essência do batismo é Romanos 6.1-11. O termo grego *baptizw* pode ser definido como "submergir", "mergulhar" ou "colocar de molho", mas pode também denotar aspectos de "lavar". Na passagem de Romanos, o texto pode ser melhor compreendido no sentido de **"participar de" ou "ser unido a"**, espelhando o caráter simbólico de ser envolto num fluido. A ênfase é de que o indivíduo participa plenamente da vida, morte e ressurreição de Cristo, vivendo em plena união com Ele.

O Batismo como Ingresso

O batismo era ritual de iniciação do crente — o equivalente neotestamentário da "oração do pecador" atual. O prosélito ao judaísmo que se batizava estava rejeitando o seu passado e unindo-se à nova vida de participação na aliança com Deus. João Batista pregava ao judeu sobre a necessidade de arrepender-se e participar da aliança como se fosse um prosélito.

O Batismo como União

O batismo é mais do que mergulho temporário na água. É símbolo de participação da nova vida de união com e dependência em Cristo — retrato da vida vivida para Deus. Inclui o lavar-se do antigo e o ser revestido de Cristo. O crente deveria ser batizado *na pessoa de Jesus* — ser imerso em Cristo ou unido por completo a Ele.

Romanos 6.1-11: Participação em Cristo

"Portanto, sepultados com ele através da participação em sua morte, para que como foi levantado Cristo da morte através da manifestação do Pai, assim também nós em novidade de vida caminhamos. Pois se unidos fomos feitos na similitude da sua morte, quanto mais da sua ressurreição seremos." — Romanos 6.4-5

Paulo emprega aqui duas formas do termo batismo (*baptizw*), não acrescentando um significado de união, mas traçando um elo com um significado já existente ao emprego do termo e da prática. O tratamento do significado como "mergulhar para dentro de" já está ligado com o conceito de união, mas a prática originária do batismo também. A passagem como um todo reflete o conceito de estar unido a Cristo, vivendo em união com Ele.

Paulo usa verbos no passado e também no tempo futuro ao retratar o batismo. A questão do espelho e união na morte de Jesus é tratada no tempo passado, enquanto a questão da ressurreição de Cristo é ainda futura. Poderia-se tratar o símbolo do batismo com o sentido de que ainda estamos sepultados com Cristo na expectativa de nossa ressurreição. Esta participação na aliança espelha a questão veterotestamentária da circuncisão, sendo um ritual externo vinculado a conceitos de limpeza e moralidade, e reflete também a celebração da Ceia do Senhor de participação na nova aliança no sangue do sacrifício de Cristo.

01

Morte ao Pecado

O indivíduo participa da morte de Cristo — lava-se de sua vida e prática religiosa antiga.

02

Sepultamento com Cristo

O batismo simboliza o sepultamento do velho homem — o antigo modo de viver.

03

Nova Vida em Cristo

O indivíduo ressurge revestido de Cristo, vivendo em novidade de vida para Deus.

04

Expectativa da Ressurreição

A ressurreição plena ainda é futura — o batismo aponta para a esperança escatológica.

O Pêssach e a Ceia do Senhor

ÊXODO 12

O Pêssach judaico é a celebração anual do evento do Êxodo — a celebração mais importante do calendário judaico desde antes do tempo de Jesus. A parte principal da semana celebrativa é a ceia do Seder. O Êxodo era o evento central para toda a formulação de fé do povo, e esta é a festa desse evento. **"Éramos escravos de Faraó, mas Deus nos tirou do Egito com forte mão e nos introduziu à terra prometida."** Esta frase é o cerne da celebração.

Na ceia de Jesus com os seus discípulos, era esta a celebração esperada pelos discípulos — olhar para trás, lembrando a salvação que Deus havia operado. Ao passar à celebração, porém, **Jesus modificou a festa**. Ele fez os discípulos lembrar da saída do povo do Egito, mas os levou a celebrar a páscoa original, não a memorial. Assim, Jesus tomou dois dos elementos especiais da noite, transformando-os em novos memoriais.

A Matsá — O Pão

Em lugar de manter para a matsá o significado do pão da aflição e da escravidão, Jesus o transforma em símbolo da nova aliança futura — representando o seu próprio corpo que seria partido como sacrifício da aliança.

O Cálice — O Vinho

Jesus toma também um ou mais dos cálices (símbolos da alegria da festa), transformando o seu sentido para representar a sua própria vida derramada para selar a nova aliança com Deus. Jesus é o nosso cordeiro, a nossa páscoa.

Os Salmos cantados na celebração antiga já anunciavam a morte e sacrifício de Jesus a partir da celebração do Seder. O único aspecto de participação na nova aliança, no entanto, é o de fé e compromisso de viver a nova vida sob a soberania de Deus. Os discípulos tomaram dos símbolos da antiga aliança alicerçada no Êxodo e os revestiram do novo significado dado por Cristo.

1 Coríntios 11.17-34: A Ceia e a União da Igreja

Nas igrejas evangélicas é tradição arraigada ler o texto de 1 Coríntios 11.23-34 durante a celebração da ceia do Senhor. O contexto imediato da passagem, porém, começa antes com o versículo 17. Para compreender bem o texto, é indispensável lê-lo como um todo no mínimo desde 11.17, respeitando o contexto imediato.

A partir do versículo 17, Paulo começa a tratar certo problema referente à celebração de Cristo. **O assunto não é a ceia em si — o interesse de Paulo é tratar a questão da falta de união existente na igreja de Corinto.** Havia uma desigualdade entre os crentes em termos financeiros, e estavam fazendo celebração com distinções sociais dentro da igreja. Uns tinham pouco para comer, enquanto outros se enchiam de volumes glutônicos de comida, ignorando a necessidade dos seus irmãos e até humilhando-os. Foi retratado em termos de *"pobres, famintos encontrando ricos intoxicados, naquilo que deveria ser a ceia do Senhor"*.

O Problema (v. 17-22)

Facções e rivalidades distorciam o propósito da celebração. Os coríntios não exibiam nenhum tipo de união e comunhão no comer juntos, como deveria ser uma celebração da Ceia do Senhor.

O Ensino (v. 23-29)

Paulo recorda a instituição da ceia por Jesus. "Aquele que participar desta ceia sem respeitar a ocasião está condenando-se a si mesmo." A ofensa é direta a Cristo e à sua mensagem clara de igualdade e da supremacia do servir ao próximo.

A Solução (v. 33-34)

A igreja deve reunir-se para estar em união, não para chamar atenção cada um para si mesmo. Paulo quer que a igreja como um corpo celebre a Cristo e à liberdade e nova vida que Cristo nos trouxe, sem distinção de classes sociais.

"Há que discernir este corpo, pois como poderemos celebrar a Cristo de outra forma, senão na união dos membros do seu corpo? Sim, Jesus morreu por nós na cruz, mas ressuscitou, vive em nós e está por vir!"

Disciplina da Igreja: Mateus 18

O assunto de disciplina eclesiástica deve ser visto com muito cuidado, respeitando firmemente o ensino bíblico. É comum demais fazer muita ênfase em punir membros da igreja em seguimento a tradições de penitência e excomunhão. Essas práticas não têm muito apoio bíblico, pois o peso do ensino bíblico recai sobre a **graça de reconciliação e o perdão incompreensível de Deus**. O peso da disciplina deve coincidir com o peso do conteúdo e da clareza do ensino bíblico.

Em Mateus 18, o tema central da passagem de 18:10-35 não é disciplina, mas **reconciliação e o oferecer perdão imerecido**. Jesus define a necessidade do indivíduo tratar de restaurar a comunhão com o próximo. Se o irmão errar contra o discípulo, o discípulo deve procurá-lo para restaurar o relacionamento quebrado — primeiramente apenas com o ofensor, depois com testemunhas, e somente então levar à assembleia. Somente depois de esgotar todos os recursos para reconciliar o errante é que se aceita que será inútil prosseguir. *"Onde estão dois ou três reconciliados em meu nome, ali estou em seu meio."*

Pedro levanta a questão de saber quantas vezes deveria perdoar o irmão pela mesma ofensa — citando sete vezes, excedendo o ensino dos fariseus de três vezes. A resposta de Jesus contraria não apenas a norma farisaica, mas a própria questão de haver um limite. Na parábola do escravo que queria ser perdoado sem perdoar, a dívida do servo equivalia a mais de um milhão e oitocentos salários mínimos — uma quantia impagável. **São estas as condições do perdão divino recebido pelo discípulo — um perdão completamente imerecido e além de qualquer esforço para saldar.** É com o mesmo proceder que o discípulo deve também perdoar o irmão errante.

1 Coríntios 5 e 2 Tessalonicenses 3: Limites da Disciplina

Em 1 Coríntios 5.1-5, Paulo trata com muita seriedade uma questão de imoralidade que parte de uma má compreensão da liberdade em Cristo. Havia o conceito judaico de que a conversão e a nova vida em Cristo anulava as relações sociais prévias. Em decorrência deste conceito, parece que alguns em Corinto estavam considerando que as regras de incesto e matrimônio fossem anuladas, pensando ter completa liberdade de ignorar normas sociais e legais.

1 Coríntios 5.1-5

Paulo trata a distorção completa do proceder cristão, buscando a resolução da ofensa de forma imediata. A tônica do qualificativo é de mostrar a distorção completa do proceder cristão. Lembrando o sentido do termo hebraico "Satân" (adversário/promotor de justiça), é cogitável que Paulo até estivesse referenciando o adversário do governo da época, já que o irmão em questão estava infringindo as leis da sociedade.

2 Tessalonicenses 3.14-15

Nesta segunda passagem, certos assuntos são melhor clarificados. Paulo faz uma semelhante admoestação, mas especifica certos limites na aplicação do ensino. Estes limites estão mais de acordo com o ensino de Mateus 18, onde o tema central é a reconciliação. A ênfase permanece em restaurar o errante, não em puni-lo.

Princípio Central

Práticas comuns de disciplina eclesiástica tendem a concentrar-se no tratamento de uma lista específica de pecados públicos, ignorando pecados mais privativos. A regra bíblica é de buscar a reconciliação entre irmãos, não de punir pecados.

Tensão Necessária

Deve-se manter em tensão a seriedade do pecado e o aspecto imerecido do perdão. Ao faltar arrependimento, deve-se investigar o motivo disciplinar, tanto como os meios aplicados para ajudar o errante a desejar a reconciliação.

Objetivo Final

Em geral, a ênfase bíblica é de reconciliação e restauração do indivíduo. A tática geral de Paulo é advertir o indivíduo ou grupo que está em erro — nada mais. O peso do ensino bíblico recai sobre a graça, o perdão e o amor divino.

Conclusão: A Igreja em Missão

Este estudo de eclesiologia revelou que a igreja autêntica existe como a concretização do reinar de Deus — um organismo vivo, não uma mera instituição. Sua natureza é comunitária e sua missão é discipular as nações, testemunhando de Cristo em palavra e serviço. Toda estrutura, organização e programa eclesiástico deve ser avaliado à luz deste propósito central.

Reinado de Deus A igreja é veículo do reino — não o reino em si, mas sua expressão concreta no mundo.	Missão Tripla Martyria (testemunho), Diakonia (serviço) e Koinonia (comunhão) — os três pilares da missão.
Organismo Vivo A igreja precisa adaptar-se a novos contextos para permanecer fiel à sua natureza e propósito.	Sacerdócio Universal Todo crente tem responsabilidade sacerdotal — a missão da igreja é de todos, não apenas do clero.

O grande perigo das instituições é perder de foco a missão e prestigiar a própria estrutura mais do que a dependência de Deus. Estruturas e programas não são o evangelho. O reinar de Deus é no interior do indivíduo. A vida das eternidades já começou a ser vista e vivenciada na vida do povo que ingressa neste reinar de Deus. O reinar de Deus já foi inaugurado — **já é hora de optar pela cidadania celestial, a ser prestigiada e vivida já e para todo sempre.**